

Década de 40. Recebo, pelo correio, um livro intitulado *Urânia*, de intelectual cearense radicado numa cidade do interior e que se dedica à poesia e à Astronomia. No frontispício, sob o retrato de um senhor encanecido, encontramos uma advertência onde se diz que "com este aspecto encanecido, o Autor tem razões para afirmar o que pensa ou então é um louco". Mais ou menos isso.

Passo a ler o livro - bem escrito, por sinal. Eis que topo com uma série de idéias curiosas e afirmações mais curiosas ainda. Dois tópicos me chamaram a atenção: num deles, afirma o Autor que a Lua não tem movimento de rotação ao redor do seu eixo (afirma ter meios mecânicos de prová-lo). No outro, afirma o Autor ter descoberto o movimento das manchas do Sul (ou seja, as duas Nuvens de Magalhães).

Escrevo-lhe agradecendo o livro e comento os tópicos que me pareceram sem base. Recebo veemente carta reafirmando a imobilidade rotatória da Lua e o movimento (diário) das Nuvens de Magalhães. E mais: a promessa de vir a Fortaleza para provar as suas afirmativas.

Fiquei surpreso e temeroso; iria ter trabalho e, possivelmente, decepcionar o velho estudioso. Dias depois, eis que o vejo desembarcar à minha porta, carregando uma velha mala. Apresentou-se e tratou de abrir a mala, extraíndo dela uma espécie de telúrio feito de flandres e arames soldados. Era a prova da falta de rotação da Lua: como esta se encontrava presa à Terra por um arame, provado estava que ela não poderia girar ao redor de seu próprio eixo! Tentei demonstrar que isso não provava coisa alguma, uma vez que nosso velho satélite continuava girando ao redor do seu eixo - e, porisso, nos mostrava sempre a mesma face. A discussão terminou sem vencedor.

Com relação ao movimento das "Manhas do sul", prontificou-se a uma demonstração prática: "Ficarei aqui em sua casa para a demonstração. Vamos fazer logo cedo da noite uma observação para lhe demonstrar a minha descoberta, para a qual trabalhei durante mais de vinte anos!"

Ao anoitecer, estávamos acima do telhado, no meu antigo Observatório Popular Flammarion, tendo por teto o céu estrelado. Era uma visão magnífica, sem a poluição atual: estrelas de 6a. magnitude eram visíveis a simples vista. Era o dia 18 de dezembro, às 19 horas. As Nuvens de Magalhães estavam acima do horizonte, separadas, como o bom velho por uma distância relativamente grande. "Espere - disse ele - e verá que daqui a algumas horas elas estarão mais próximas uma da outra. Tenho observado isto durante muitos anos. É uma espécie de movimento pendular, que as aproxima e afasta num período de poucas horas". Quase me caiu o queixo, quando percebi qual era a "grande descoberta" do velho: ele nunca ouvira falar em refração atmosférica e não tivera a inteligência de percebê-la!

Que fazer? Esperamos e, de fato, muitas horas depois, as duas nebulosas pareciam estar muito mais próximas uma da outra! Disse então do que se tratava; mostrei-lhe os exemplos da Lua quando nasce, da constelação do Orion, que parecem maiores quando estão a poucos graus de altura.

Apesar da escuridão, quebrada pela tênue luminosidade noturna, vi-o tornar-se lívido. Seus lábios tremiam como suas mãos; depois, todo o seu corpo começou a tremer como se estivesse com frio. Depois, recompôs-se. Deu por encerrada a sessão de observação e tratamos de dormir. Duvido muito que ele tenha pregado olho. No dia seguinte, despediu-se apressadamente... e nunca mais o vi.

Soube, alguns meses depois, que o haviam encontrado morto, estendido numa ravina, estatelado, braços abertos e olhos fixos no céu, ao lado de uma pequena luneta.

Até hoje fico em dúvida: deveria ter esclarecido ao velho astrônomo sobre a refração da atmosfera? Fiz bem ou mal? O certo é que considero de minha inteira responsabilidade a morte desse velho filósofo e pesquisador.

GRANDES ASTRÔNOMOS - D'ALEMBERT

Comemoramos neste ano 200 anos da morte de Jean Le Rond D'Alembert (1717-1783), físico, matemático, astrônomo e filósofo. Adotado por um vidraceiro chama-